

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim)
Ferreira Mendes.
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE OUTUBRO DE 1913

N.º 353

□ casamento do Senhor D. Manuel



O brinde offerecido pelos monarchicos de Lisboa

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de outubro de 1913

CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XIV

AQUEM E ALÉM-MAR

O Manifesto do Pretendente

De todos os ulimos acontecimentos politicos aquelle que apaixonou mais a opinião foi a publicação, no *Diario do Congresso*, do Manifesto do Principe D. Luiz de Bragança. Porquê?

Porque era um caso inedito na vida politica, passada e presente, de todas as nações do globo e para absorver a attenção e interessar a opinião, no Brasil e fóra d'elle, esse aspecto lhe bastava.

Até aqui os Pretendentes, monarchistas ou republicanos, na Europa como na America, teem sido considerados os inimigos supremos das instituições, triumphantes ou pela força das circunstancias como a actual Republica Franceza, ou pela revolução como a do Brasil e a de Portugal. E como, na opinião dos que as representam, as instituições estão identificadas sempre com a Nacionalidade e a Patria, são para estes, *ipso facto*, inimigos da Patria e da Nacionalidade os Pretendentes. Por isso lhes atiram como a fêras, por isso as Instituições, que elles combatem, lhes declaram guerra em toda a linha e em todos os campos.

O conde de Paris, os seus descendentes, e até seu tio o duque d'Aumale, o brilhante militar e academico illustre, gloria da sua patria, filho de Luiz Filippe, e ramo collateral na Casa de França, foram expulsos do territorio francez só porque o governo considerou um acto de Pretendente o do conde de Paris recebendo no seu palacio, em uma festa sumptuosa, o corpo diplomatico, para lhe annunciar o casamento de sua filha a Princesa Amelia de Orleans com o Principe Real D. Carlos de Bragança.

Um dia porque o duque d'Orleans teve o gesto audaz, tido para muitos como patriotico, de transgredir a lei da Proscrição, e penetrar na fronteira da França para se alistar no exercito e servir o seu paiz, foi preso, mettido num carcere e tratado como um criminoso commum.

Todos os alumnos de Saint Cyr, foram expulsos d'esse collegio militar de Paris no dia seguinte áquelle em que assistiram a uma missa por alma do proscripto Conde de Paris.

Em Hespanha sabe-se o que foi a vida nomada do Pretendente D. Carlos, como o tem sido a de seu filho D. Jayme, o actual pretendente ao throno, e com quantas providencias e cautellas os governos constitucionaes acompanham a Proscrição que banii de Hespanha esse ramo Bourbon da Casa reinante.

Em Portugal, o primeiro paiz que aboliu a pena de morte, havia um caso unico, um caso de excepção, aquelle em que qualquer habitante do reino podia applicar essa pena por suas mãos na segurança da impunidade.

Qualquer portuguez, ou estrangeiro que fosse, tinha o direito legal de matar á queima-roupa D. Miguel de Bragança ou qualquer dos seus descendentes que fosse encontrado em territorio nacional. E' claro que esta disposição barbara existia apenas na lei, visto ter sido publico e notorio que o actual principe D. Miguel, neto do Rei exilado, não ha muito tempo visitou Portugal, dando-se com essa visita o caso picaresco de ser recebido por um dos governadores civis do conselheiro João Franco, então ministro do reino, o sr. Lemos Ramalho, que no seu palacio de Condeixa offereceu um banquete ao filho do Pretendente. O sr. João Franco fechou os olhos, continuou a ser governador civil o filho do antigo e ferrenho fidalgo miguelista, e comtudo, mezes antes, nem á discussão fóra admittido, no parlamento, o projecto de lei do deputado Luciano Cordeiro, para que do Codigo Portuguez fosse eliminada essa lei barbara, que já não tinha razão de ser, e que era uma nodoa na civilisação.

Nos varios paizes da America Hespanhola sabe-se como os Pretendentes, não ao Throno mas á Presidencia, não raro teem

pago com a vida a temeridade, a audaciosa precipitação com que procuram dar realidade ás suas aspirações politicas.

E' neste regimen de hostilidade, neste systema mundial de tratamento das Instituições para os que pretendem derriba-las, que apparece o Manifesto do Principe brasileiro, Pretendente, não á cadeira da Presidencia, mas á velha corôa imperial. E é, logo a seguir ao momento em que apparece, que a maioria da camara dos deputados vota a sua publicação no *Diario do Congresso*.

Que diz e proclama nesse manifesto o neto de D. Pedro II? E' justo, é falso, teem as suas observações o sello da verdade ou da paixão, anima as suas afirmações a sinceridade patriotica ou a ambição politica, os erros de que accusa a Republica e os seus dirigentes em contraposição com as virtudes que attribue á Monarchia, de que foi o mais alto representante seu avô, teem existencia real e effectiva, ou nasceram apenas na phantasia do Principe, em summa, tem esse documento publico o valor de uma sentença e quem o assigna a auctoridade de um juiz?

A nenhuma d'estas interrogações me compete a mim responder, porque se o fizesse immicuir-me-ia na politica nacional e veda-m'o não direi a incompetencia, porque a excessiva modestia é uma hypocrisia como as outras, mas a minha qualidade de estrangeiro, não obstante fazer pelas prosperidades do Brasil votos mais sinceros do que os de muitos que o acaso cá fez nascer...

A unica coisa que me compete é registrar: primeiro, o assombro causado pela publicação do manifesto no jornal official do Congresso; depois, as conclusões a tirar, como se apresentam ao meu espirito.

Eu vejo simplesmente no facto a manifestação suprema da tolerancia do nosso tempo, uma suprema prova de democracia pratica. Essa publicidade official se character politico tem é mais o de um desafio do que de uma subserviencia. Se no manifesto do Principe — é o que a votação da Camara significa — está retratada a Republica, não teem o direito de allegar ignorancia os auctores dos erros e os responsaveis dos males nelle apontados, e teem o dever de se emendar para o futuro como o teem de estar áleria, na fiscalisação dos interesses nacionaes, aquelles aos quaes a Constituição commete essa missão nobre.

Mas se, ao contrario, esses erros nascem apenas de um raciocinio falso, de uma observação inexacta, e, porventura, de uma desmedida ambição, é justo, conveniente, e até opportuno, tornar publico esse documento, fixa-lo para sempre num registo official, até por deliberação dos que nelle são principalmente visados, afim de apontar á geração de hoje e á de amanhã que foram victimas de accusações sem prova o Regimen e os seus dirigentes. E em qualquer d'estes casos extremamente oppostos, a exhibição official d'esse documento firmado por um nome representativo de guerra ao existente, é um acto de força, de força democratica, de tolerancia politica, que, se para uns traduz esta divisa: «Quem não deve não teme», para outros significará talvez a abjuração de erros praticados e o proposito de vida nova.

Não sei como a Europa, sobretudo as Nações que estão em permanente duello com os Pretendentes, avaliará a doutrina do manifesto do Pretendente brasileiro e a sua publicação official. Como toda ella, porem, conhece a constituição do Congresso brasileiro e sabe que não fóram monarchistas os que deram o seu voto á inserção d'esse documento no diario das suas sessões, é minha opinião intima que ella considerará esse acto uma nova e vasta manifestação de democracia. E não será mesmo para extranhar que, por esse mundo europeu, qualquer jornalista de auctoridade se atreva a dizer aos governantes do seu paiz, se esse paiz dispende dinheiro e sacrifica vidas em guerra aberta com qualquer Pretendente, que imitem a democracia tolerante do Brasil, que pônham os olhos neste exemplo, que se vejam neste espelho...

Rio de Janeiro, Setembro, 1913.

JAYME VICTOR.

Quem não perde a cabeça com certas coisas, é porque não tem cabeça para perder.

LESSING.

OS NOSSOS ARTISTAS



Anthero de Figueiredo

Os nossos artistas

Anthero de Figueiredo

PERGUNTEI-LHE como trabalhava, o que é sempre para mim objecto de curiosidade quando se trata d'um artista de merecimento. Respondeu-me o seguinte: — Pensando bastante antes de me sentar á mesa para realisar qualquer tarefa litteraria. Depois, quando executo, todo eu vivo o assumpto. Ah! mas nada me satisfaz! Exijo immenso de mim, e nunca estou contente. Esmorêço mil vezes; e sempre tem sido preciso que amigos meus me tirem o manuscrito das mãos, e, por assim dizer, m'o mandem imprimir! Aconteceu isto com as *Recordações e viagens* e ultimamente com o *D. Pedro e D. Inês* que, concluido, esteve guardado para não ser publicado, varios mezes.

Seguindo sempre com a minha mania de investigação, desejei conhecer quaes eram os seus aucto-

res preferidos. Sempre amavel e condescendente, Anthero de Figueiredo voltou-me:

— Como fórma os grandes mestres portuguezes do seculo xvi, e os francezes contemporaneos. Amo sobre tudo os sobrios, os limpidos, os serenos. Para que citá-los, se todos os conhecem? Apontolhe sómente dois, um portuguez e um francês. Frei Luis de Sousa e Renan.

Toquei-lhe na feição da moderna litteratura portugueza. Sentidamente affirmou:

— N'esta hora em que, succumbidos, todos vestimos de luto pelas incertezas do dia de amanhã, ainda o mais grato dos assumptos é revermo-nos nas nossas melhores glorias passadas! . . .

Não resisti ainda a saber qual das suas obras era a que mais lhe agradava. Tenho para mim que, a tal respeito, o juizo critico do auctor insensivelmente lhe aponta o que deve ser preferido, mas parece-me que, desta vez, a minha preconcebida opinião falhou.

Sem hesitação, a resposta foi:

— E' os *Comicos*.

Ora, realmente, os *Comicos*, como tive occasião de dizer em tempo, fazem pensar todo aquelle que se preoccupa com questões de psychologia (e a quem não interessam ellas?) não só no thema que o auctor escolheu, como no modo por que o desenvolve.

Quando li este livro, veiu-me á memoria Manon; lembrou-me mais d'um desespero de *Un enfant du siècle*, e achei n'elle, em muitos pontos de genuinamente portuguez a explosão do sentimento paixão atravez da descripção.

«Aquelle que acredita na liberdade da vontade humana, nunca amou nem odiou». Foi com este pensamento de Wolfram d'Eschenbach que o auctor epigraphou a sua obra, o que dá bem a medida do amor, — sobretudo do amor meridional.

A maneira por que Anthero de Figueiredo descreve a *sua voz*; o *seu olhar*, os *seus passos*, mostra bem que, como Pigmalião, o auctor apaixonou-se pela imagem da sua criação a ponto *de a ver e de a sentir*.

O metucioso cuidado com que esquadrinha, investiga, analysa, e põe á luz os mais reconditos e desencontrados sentimentos da alma de João Eduardo, demonstra no auctor uma grande observação — quem sabe? — talvez conhecimento proprio de como a paixão, nesta terra de luz e sol, onde se ama melhor e mais intensamente do que em parte alguma, empolga e aniquila as mais fortes vontades, embora as illumine a razão recta e lucida, que se deixa vencer, mas não convencer.

A heroína dos *Comicos*, Regina, uma actriz da Trindade, que Anthero de Figueiredo escolhe boa, intelligente e meiga, é uma inconsciente, um irresponsavel que desconhece a mais elementar noção de moral. O seu caracter não chega a ser repugnante, porque, como muito bem diz aquelle que o descreve, «o que é bom é seu, o que é mau não é d'ella». Esta phrase que, a outra mulher sem culpas ou com faltas mais leves, se poderia dizer por um excesso de amor, é para a miseravel peccadora, ignorante de leis, perfeitamente justa.

João Eduardo não sabe porque gosta d'ella, pois que *quanto mais perto a tem mais a ignora*. Enraivece-se contra aquelle forte sentimento, aquelle amor *laciturno* que despe-



Anthero de Figueiredo — O seu escriptorio

daça a alma, unico amor criador do ciúme, unico amor que leva ao crime.

A felicidade d'elles, ao principio, seria absoluta, se os não perturbasse a todo o instante o receio de a perderem. Depois, a pouco e pouco, afastam-se, ficando juntos, — a peor das distancias. Ella retoma habitos antigos. Elle analisa-a e soffre de a julgar sem emenda e de se ver captivo. A espaços, brilha entre elles a alegria. N'um d'esses momentos, ao jantar, ella estende-lhe lealmente a mão e diz-lhe:

«Toma-me como sou. Não valho o que pensas. Eu sou o que não posso deixar de ser».

Esta naturalidade na falta revela, a meus olhos, a criatura que não conhece do mundo senão a parte má, tendo no coração todos os instinctos do bem.

Esta phrase, certamente pronunciada por um sem numero de homens, faz-me crer que, se ella fosse homem, seria considerada

Então ella responde com amarga ironia:

— Explicas-me! Que sabes tu de mim? Se eu propria não sei quem sou! Se tenho passado a minha vida a procurar-me e ainda me não encontrei!

As desintelligencias augmentam. Separam-se, tornam a juntar-se; elle deixa-a, ella vinga-se do modo que lhe era proprio, e manda-lh'o dizer. Louco, desvairado de ciúme, corre atraz d'ella, alcança-a em Londres, e, com uma simples palavra n'um bilhete de visita, arrasta-a outra vez após si!

Regina, ainda no desejo de vingança insaciada, diz-lhe que o não ama.

Elle maltrata-a violentamente e, se ella se não fingisse morta, tel-a-ia matado.

No entretanto, Regina não o censura; beija-o e, como toda a mulher sinceramente apaixonada, diz-lhe: — «Amo tanto o teu odio como o teu amor». Emfim, torturam-se mortalmente um ao



Anthero de Figueiredo — Outro aspecto do seu escriptorio

no numero dos respeitaveis e honestos, se não fosse a inconsciencia que elles não têm. Ella não percebe o mal. Pratica-o sem o entender, como uma necessidade do meio em que foi criada. Quando expõe a João Eduardo um meio vil, que descobriu para obter dinheiro, pasma da indignação d'elle, encolhe os hombros e murmura desapontada: «Feitios, feitios...» apenas como se a sua maneira de ver fosse mais vasta e alta, e não entendesse aquelles escrupulos que se lhe afiguram mesquinhos, porque é incapaz de os sentir.

Elle, um idealista, pensa que «toda a cultura do amor consiste em criar á volta da mulher que se ama imagens doces e queridas com as quaes se vive a todo o momento».

Ella, estouvada e alegre, só se preocupa com a hora vivida, quando por ella passa. Religiosa, supersticiosa, generosa, bôa e peccadora, é tudo isso *d'après nature* e sem hypocrisia. As contingencias dão-se a todo o momento. João Eduardo, com a teimosa ancia dos que começam a perder a esperanza, tenta mostrar-lhe os erros fazendo-lhe abrir os olhos á luz da propria consciencia.

Baldado empenho! Ella pergunta revoltada: — «Accusas-me? — Eu não te accuso, explico-te»

outro. Elle com suspeitas, duvidas, e visões constantes do passado. Ella por traições que não são traições, segundo o seu modo de pensar e o dos homens, quando se tracta d'elles, mas que, para nós, mulheres, habituadas a respeitar todas as leis, nem por pensamentos se nos afiguram possiveis. Injuriam-se mutuamente; mas ella, indifferente a tudo, só o não é quando elle duvida do seu affecto. Então diz offendida: — «Tudo admito, tudo, menos o insultares o meu amor por ti».

Separaram-se afinal. Ella fugiu uma madrugada. Elle viajou longamente. Passados annos, vendo-a representar no Theatro da Trindade e conhecendo que a sua paixão se exacerbara com a vista, poz, com um tiro, termo ao soffrimento.

«Nem o tempo que tudo mata, diz o auctor, matára este amor que tinha a principal caracteristica dos amores fataes — era insensato».

E' um esplendido trabalho o livro de Anthero de Figueiredo, tão finamente observado que parece vivido. E' por isso mesmo que sua forma é um mixto de realidade, — cuja crueza era por vezes bem dispensada, — e de lyrismo intenso e apaixonado. Traz-nos

ao espirito as duas celebres obras de Prévost e Musset, e não podemos deixar de sentir viva admiração pelo escriptor portuguez que nos consegue dar ao espirito uma emotividade igual.

Naquelle acrisolamento de amor que se apura até á renuncia, por onde a razão lhe dizia que devia ter começado, mas o coração não quizera, ha uma vasta lição de moral para todo aquelle que bem a analysar.

Os livros assim ficam.

Mas o que é curioso é o estranho conhecimento que este escriptor tem da sensibilidade feminina. Quer nos *Comicos*, quer na *Doida de amor*, descreve-nos admiravelmente os typos femininos, atacados de desequilibrio. A'cerca deste romance escrevi tambem em tempo as minhas impressões, não sei em que jornal, pois perdi ou emprestei o exemplar que decerto conservava. A minha memoria é fraca, mas o espirito e o sentimento guardam d'esse trabalho de Anthero um vivo e grato perfume de poetica tristeza que a leitura d'essas paginas torturadas alli deixou duradoiramente impresso.

tão rigorosamente verificada quanto o podia ser, é uma soberba evocação historica, que faria honra a Michelet, dá a impressão rica e nitente d'um vasto estendal de perolas sem jaça n'um fundo escuro, artisticamente proprio a fazel-as realçar.»

Não ha melhor nem mais justa apreciação e o auctorisadissimo nome que a firma vale decerto para Anthero de Figueiredo mais do que todas as hyperboles que o entusiasmo possa arrancar ao nosso temperamento de meridionaes.

A obra de Anthero compõe-se, se me não falha a memoria, de *Tristia*, *Além*, *Partindo da terra*, *Palavras de Agnelo*, *Estrada Nova* (peça em tres actos), *Recordações e Viagens*, *Comicos*, *Doida de Amor* e *D. Pedro e D. Inês*.

A sua segunda fase evolutiva principia com o livro — *Recordações e Viagens* de que um dia me escreveu: «E' um livro suave a que muito quero.»

E' justo que lhe queira porque é interessantissimo; mas o adjectivo é que lhe não fica muito bem. Pelo menos na carta a um

O casamento do Senhor D. Manuel com a Princeza Victoria de Hohenzollern



Um aspecto do cortejo nupcial. A' frente o Principe de Galles e a Duqueza de Aosta

Agora a recente leitura de *D. Pedro e D. Inês*, que, a meu vêr, é a melhor obra de Anthero de Figueiredo, por todas as formas que se encare: belleza de forma, fluencia e alteza do estylo, colorido harmonioso e a possivel exacção dos factos. Um dos pontos que mais entranhadamente me encantou n'este formoso estudo foi o breve, mas encantador retrato de D. Constança Manoel, a altiva e infeliz mulher destinada a ser fatalmente victima da perfidia dos corações masculinos e que *morre, quando mais queria viver! Tendo apenas 21 annos, sorrindo á filha que nascêra e lhe trazia uma esperanza de sentido affecto, que tinha de ser mentira, talvez para lhe minorar piedosamente o soffrimento por justiça da Providencia. As descrições são inexcediveis, e lêem-se com gratissimo prazer.*

Antonio Candido, no prologo do *D. Pedro* de S. Monteiro, que brevemente será dado a publico, escreve: «E direi, porque muito a proposito vem, que o livro do sr. Anthero de Figueiredo, *D. Pedro e D. Inês*, foi um grande acontecimento litterario na nossa terra. Esplende e scintilla cada pagina com as finas joias d'uma linguagem purissima: e sendo a narração de successos lamentosos,

minhoto, intitulada *Lisboa*, ha alli verdades crúas que, por bem ditas e merecidas, não attingem o latego da satyra, mas estão muito longe de merecerem a classificação de suaves. Comtudo é talvez, uma das mais interessantes descrições de todo o livro.

Anthero de Figueiredo vive agora em Cadouços, na Foz do Douro, e alli entretem os seus ocios entregando-se á litteratura. Não sei qual o trabalho que actualmente o prende, mas quasi me atrevia a apostar que, tendo enveredado tão brilhantemente pelo caminho das reconstituições historicas, estará dando vulto a qualquer episodio da nossa historia.

Que o busque entre os mais ignorados e esquecidos para maior encanto dos leitores e maior serviço ás letras e á historia patria que com livros d'esta natureza tem tudo a ganhar. O romantisar e poetisar os factos, conservando-lhe a exacção, tornam-n'os mais interessantes e ficam-n'os mais gratamente no coração.

Na nossa historia, rica de actos cavalheirescos e grandes feitos, tem o illustre academico um inextotavel manancial.

SCIENCIA VAN

Agonisava a pobre Margarida
Nos braços das irmans que tanto a amavam,
E em seus labios apenas se escutavam
Os derradeiros halitos da vida.

Aquella formosura appetecida,
A luz d'aquelles olhos que matavam,
De instante a instante como que voavam
Dizendo o triste adeus da despedida.

Porque se morre assim? Porque tam cedo
Fica sem luz um rosto encantador,
E sem côr e sem voz uns lindos labios?

Se não me desvendaes este segredo
Da morte e vida, do prazer e dôr,
De que me serve o que ensinaes, ó sabios?

SANTOS VALENTE.

Os portuguezes foram os primeiros colonisadores d'esta perola do Oceano Indico. Estabeleceram-se no littoral em 1518 e ali se conservaram até 1656, anno em que a formosissima ilha cahiu em poder dos hollandezes, até que em 1796 foram estes por sua vez expulsos pelos inglezes. Desde então, a antiga Taprobana tem estado sempre sob o dominio britannico, salvo o interior da ilha, que só em 1815 foi completamente submettido a este dominio pela deposição do rei de Kandy.

O systema administrativo por que se rege a ilha de Ceylão é o que os inglezes designam por «Colonia da Corôa», com um governador nomeado por seis annos, assistido por um conselho executivo de 5 membros e um conselho legislativo de 17, dos quaes elle é o presidente. No conselho legislativo entram, de direito, os membros do executivo, e 4 altos funcionarios da administração civil, sendo os oito membros restantes nomeados pelo governador, por cinco annos, ao fim dos quaes podem ser reconduzidos. Cada um d'estes oito membros do legislativo tem a seu cargo, respectivamente, os interesses dos europeus, dos *burghers*, dos singhalezes da costa, dos singhalezes de Kandy, dos tamuls, dos mouros, dos commerciantes e dos plantadores. O governador tem o direito de *velo*, mas, em todo o caso, as leis emanadas do conselho legislativo precisam da confirmação da Corôa.



O casamento do Senhor D. Manuel com a Princesa Victoria de Hohenzollern — Raparigas de Sigmaringen offerecendo flôres aos noivos

A ilha de Ceylão

A ilha de Ceylão, conhecida dos antigos por diversos nomes, entre os quaes o de Taprobana, é hoje uma das mais florescentes colonias do imperio britannico. Situada um pouco a leste da ponta sul da península indiana da qual é separada pelo estreito de Palk, occupa uma superficie que muito approximadamente se pôde calcular igual a tres quartas partes do territorio continental do nosso paiz e conta uma população de cerca de 4 milhões de habitantes, de raças diversas, entre as quaes predominam as dos singhalezes, dos tamuls e dos mouros, entrando os europeus na proporção de 2 por 1:000 indigenas.

A ilha de Ceylão é bastante montanhosa; os pontos mais elevados, o monte Pedro e o pico de Adão, attingem alturas de 2:500 e 2:200 metros. O clima é bom; nas plantações, que demoram, em geral, em altitudes que variam de 700 a 1:700 metros, é mesmo delicioso. O aspecto da paisagem é surpreendente, d'um encanto inconcebivel e d'uma grandeza que não tem rival. A vegetação tropical apresenta-se ali em toda a sua pujança, de matizes variadissimos, desde a planicie aos pontos mais altos das serras.

A ilha é dividida em nove provincias subdivididas em 20 districtos. Nove d'estes são administrados directamente pelos Agentes do governo que administram as provincias e os 11 restantes por *Assistentes* dos Agentes do Governo. Além d'isso, as cidades principaes tem a sua administração local confiada a conselhos municipaes electivos.

Como em todas as colonias britannicas, os costumes indigenas são absolutamente respeitados.

As cidades principaes da ilha de Ceylão são Colombo, que tem 165:000 habitantes; Jaffna, 40:000; Kandy, 30:000 e Galle, 45:000.

Ceylão atravessa agora uma época de invejavel prosperidade. A colonia tem um saldo orçamental importante.

Não recebe um ceitil da Metropole e paga tres quartas partes da despeza que o governo britannico faz com a manutenção das tropas europeias affectas á despeza do territorio.

O credito publico de Ceylão vale bem o de qualquer outra colonia britannica, e na bolsa de Londres são muito bem cotados os titulos da sua divida pública a qual não excede as receitas de quatro annos.

A principal fonte de receita é constituída pelo imposto de im-

portação de 6 1/2 por cento *ad valorem*, que pagam todas as mercadorias, qualquer que seja a sua natureza ou proveniência. Alguns impostos de exportação, com fins especiaes, incidem sobre o chá, o café, o côco, o elephante, a plumbagina, etc. As despesas fiscaes não excedem 1,5 por cento da totalidade dos impostos. Ha poucos annos foi lançado um novo imposto sobre o chá, a pedido dos plantadores d'este magnifico producto, para ser applicado ao desenvolvimento dos mercados d'aquella florescentissima industria.

A colonia tem outras fontes de receita importantes na venda de terrenos da Coróa, no monopolio do sal, na administração dos caminhos de ferro, na industria da pesca de ostras perliferas cujas

duas terças partes pertencem de direito ao governo e são vendidas quotidianamente em leilão, etc.

A industria do chá é a mais florescente da ilha. Substituiu com vantagem a do café cujas plantações foram completamente destruidas de 1869 a 1880, por um cogumello, conhecido em botanica por «Hemeleia Vestatrix.» A ilha passou então por uma crise medonha e, se não fóra a tenacidade dos plantadores cuja situação era angustiosissima, agravada pela quebra do Banco Oriental, o principal estabelecimento de credito da ilha, esta ficaria talvez para sempre mergulhada na mais horrorosa miseria. Os plantadores, porém, auxiliados por um governador intelligente, energico e sensato,



O casamento do Senhor D. Manuel com a Princeza Victoria de Hohenzollern — A Senhora D. Amelia e o Príncipe Guilherme de Hohenzollern

deram provas d'uma energia indomavel e salvaram-se a si e a vida economica da ilha. De tentativa em tentativa, em busca d'uma cultura que substituísse a do café, experimentaram successivamente plantações de varias especies de arvores de caoutchouc, de resina, de gomma, de pimenta, canella, etc., mas porque umas d'estas não produziam na ilha o bastante ou porque os productos d'outras não tinham facilidades de arranjar mercados, todas cederam o passo á plantação do chá.

Não passemos, porém, sem referencia á cultura da quinquina, que teve existencia ephemera, mas que n'um intervalo de 8 annos chegou a produzir mais de metade da produção total do globo. O quinino chegou por isso a tão baixo preço que a cultura teve de ser abandonada, não sem que d'essa ephemera existencia ficassem dois beneficios: um, restricto, foi habilitar os plantadores com os capitales necessarios para experimentarem e desenvolverem a cultura do chá; outro, mais geral, foi baratear o preço do quinino até ao ponto de o tornar um remedio de uso corrente.

Outra cultura experimentada n'esse periodo angustioso e que deu relativamente bom resultado, tanto que ainda figura pela sexta parte na exportação total da ilha, foi a do coqueiro e, certamente, se teria desenvolvido muito mais, se todos os terrenos fossem proprios para essa cultura. Hoje é o chá o principal producto da ilha de Ceylão a qual suplantou a China n'este ramo de commercio.

A totalidade das exportações da fertilissima ilha attinge quasi a cifra de 8 milhões de libras esterlinas e o chá figura por metade d'esta enorme quantia, seguindo-se em importancia os productos do coqueiro que, como acima dissemos, figura pela sexta parte da exportação total.

Os principaes artigos de importação são alimentos, dos quaes tres quartas partes é arroz, prata amoeada, carvão Cardiff, tecidos de Manchester, etc.

A balança commercial encontra-se quasi em equilibrio.

São verdadeiramente colossaes os trabalhos publicos empreendidos pelo governo da colonia, especialmente os trabalhos de irrigação e os do porto artificial de Colombo.

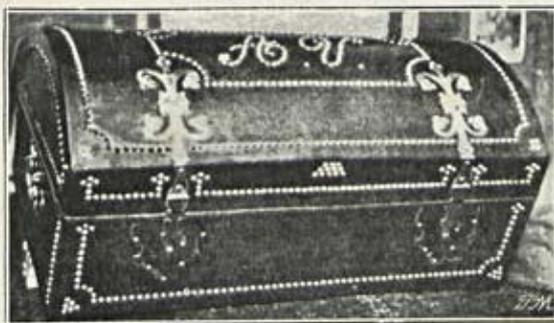
Nos ultimos annos, sobretudo, tem caminhado rapidamente os trabalhos dos grandes depositos de agua que transformaram grandes desertos em terras de cultura, principalmente de arroz, que é o principal genero de importação na ilha.

Pouco antes do anno de 1890 ficou terminado o Kalawewa, enorme reservatorio artificial que contém agua sufficiente para encher canaes de 100 milhas de comprimento, regando 66:000 acres de terreno; e está em via de conclusão o Tanque Gigante a noroeste da ilha. Estão projectados outros trabalhos de irrigação que, uma vez concluidos, restituirão as condições de vida a uma região de 200 milhas de comprimento, desde a região montanhosa do centro á costa nordeste.

O porto artificial de Colombo é uma das mais arrojadas obras de engenharia hydraulica. Graças a elle, Colombo, d'uma pequena cidadesita sem importancia, passou a ser a principal cidade da ilha. Offerece um magnifico ancoradouro e é concorridissimo dos navios que fazem as carreiras entre o Extremo Oriente e a Europa.



O casamento do Senhor D. Manuel com a Princeza Victoria de Hohenzollern — O Senhor D. Manuel e o cardeal Neto, antigo Patriarcha de Lisboa



O casamento do Senhor D. Manuel com a Princeza Victoria de Hohenzollern — A arca onde foi encerrado o trajo de lavradeira offerecido á noiva do Senhor D. Manuel

PENSAMENTOS

Imaginar uma sociedade impenetravel ás transformações das épocas, é imaginar um corpo sem porosidade.

JOAQUIM NABUCO.

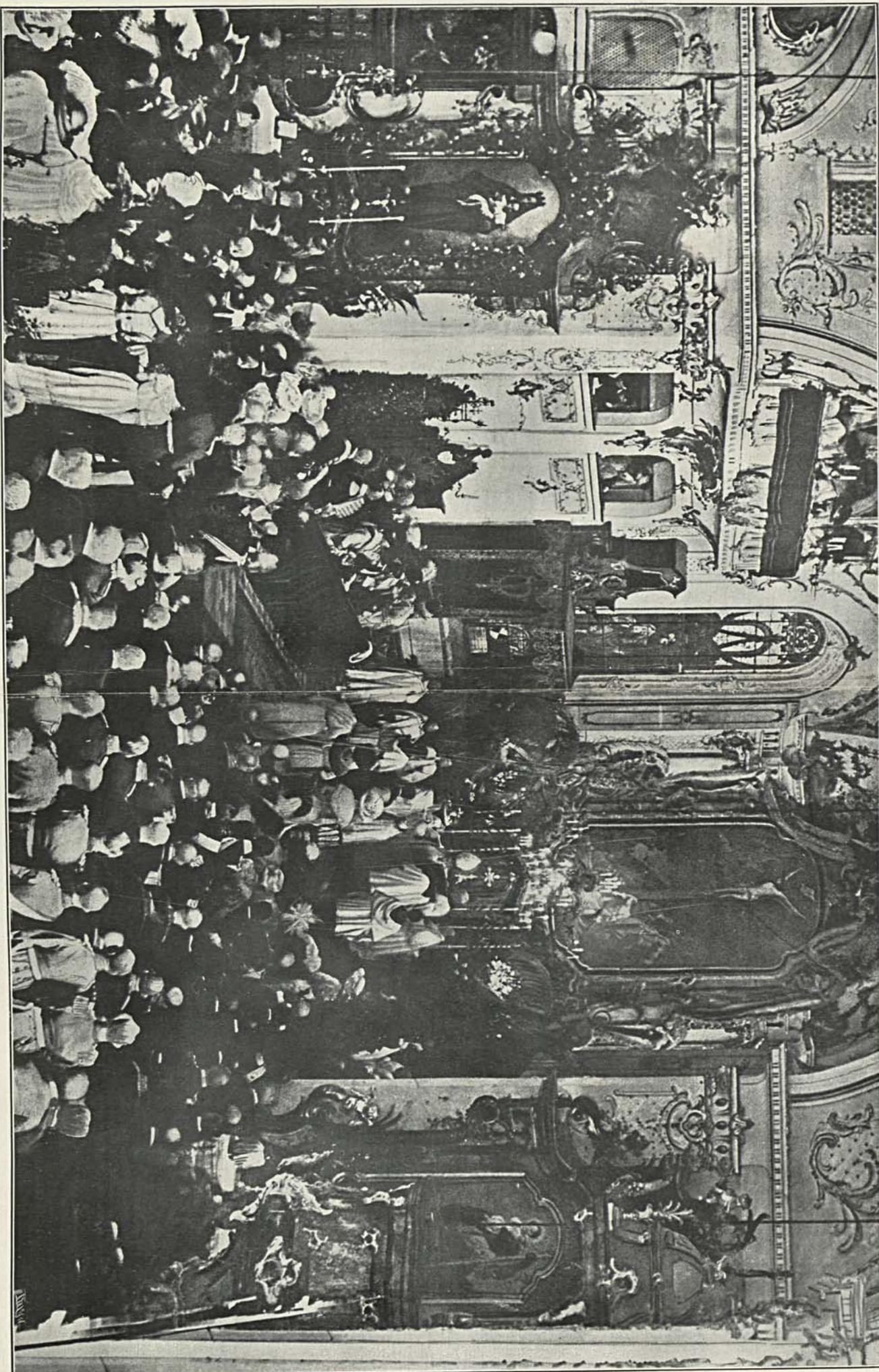
Somos tão predispostos em nosso favor que muitas vezes tomamos por virtudes aquelles vicios que mais se lhes parecem e que são arditamente disfarçados pelo egoismo.

LA ROCHEFOUCAULD.

Os homens fogem de mim, diz a Pobreza, porque eu os torno melhores.

ARISTOFANES.

O casamento do Senhor D. Manuel com a Princesa Victoria de Hohenzollern



Aspecto geral da cerimonia religiosa

Lgrimas e sorrisos

Que raiva!

Que desespero ter de sêr ela que havia de ir, por seu motu proprio, fazer a córte a esse velho fidalgo que a re-questára e de quem ela escarnecera!

Que raiva!

Mas que fazer... seu pai dissipára a maior parte da fortuna, ela encontrava-se sem dote, a casa tinha forçosamente de sêr liquidada mais tarde ou mais cedo... o visconde, o velho fidalgo, era o unico crêdor... as fortunas hoje, não se encontram com a mesma facilidade, com que se encontram bombas, e a fortuna d'ele era colossal...

Emfim, que remedio!

Partiria para casa da avó paterna, de quem se dizia sêr o retrato vivo, e uma vez lá, reataria as suas relações com o visconde, um dos maiores proprietarios da região, o qual, ao tornar a vel-a, por certo reacenderia a chamma da paixão, que em breve se tornaria em facho do himineu!

E depois de se despedir dos pais e dos irmãos, depois de dizer adeus a todos os seus sonhos de ventura, a todas as suas illusões, que irradiavam sob o ceu azul, por entre flores e mocidade, meteu-se no *Sud-express*, simplesmente acompanhada da sua mala, com as lagrimas a empanar o brilho dos seus olhos de safira, a amargura no coração e a resignação nos labios, que até ali, só tinham dispendido sorrisos e gargalhadas d'uma alegria estonteante.

.....

Na estação, a sua avósinha, que nada de velha tinha ainda, esperava-a, com o sorriso complacente, carinhoso, doidamente affectuoso, com que todas as avósinhas costumam acolher as suas netas, no seu melhor *landeau*, onde, depois de instaladas, dando-se as mãos, chegariam a parecer duas gemas, senão fosse o prateado dos cabelos d'uma, e o loiro fulvo dos cabelos da outra.

Durante o trajecto, da estação ao solar dos Palmeiros, e mesmo nas quarenta e oito horas que procederam a sua chegada, ela esqueceu tudo, e presa dos olhos, dos labios, das caricias e das ternuras d'essa avó, que mais parecia sua irmã, nada lhe disse sobre o fim da sua viagem.

Mas... — de quantos *mas* a vida está recheada! — mas esse fim foi-lhe de prompto recordado, quando, um criado do visconde, veio anunciar á avósinha que o fidalgo, tendo chegado d'uma excursão pelo sul, viria no dia seguinte apresentar respeitosos complimentos a sua Ex.^a

Então toda a irradiação do seu rosto se obscureceu perante a verdade brutal da sua situação, e uma tristeza profunda succedeu á sua alegria infantil, louca, por assim dizer.

Tudo se afundava com a chegada do Crésus que ela devia reduzir á condição de seu senhor... embora o soubesse reduzido á condição de escravo.

Essas quarenta e oito horas de felicidade, iam ceder o lugar — quem o saberia dizer? — a muitos anos de sacrificio e tortura! Casar com o visconde, ela que tinha vinte anos menos!

Ir acorrentar a mocidade á velhice! Servir de bordão á decrepitude!

De guia á cêgueira d'aquele amor, que reputava senil!

E para ocultar o seu pranto, fugiu para o escritorio do seu falecido avó, a titulo de escrever ao pai.

Ali, encostada á antiga escrevaninha de pau santo, com incrustações douradas, deu curso ás lagrimas, que lhe inundavam a fronte virginal, provocando-lhe soluços que rudemente lhe faziam arfar o divino colo!

Mas — aqui está outro *mas*, quando mais tranquila se dispunha a dizer ao pai, que no dia seguinte começaria a trilhar o seu escabroso Golgota; quando procurava o papel, onde devia ocultar o seu desespero, com palavras de resignada alegria, a sua mão de dedos afilados e unhas rosadas, encontrou uma folha de papel, onde se liam coisas... coisas... que lhe fizeram irromper de novo o pranto, não aquele pranto ofegante, que lhe fazia arfar o seio rudemente com violencia dos soluços, mas um pranto doce, suave, como que acariciador, como que, servindo de balsamo cicatrizante das feridas abertas por esse outro, que o antecederá.

O que teria ela lido, ali, naquela folha de papel, que tirara com intenção de esfacelar, fibra a fibra, o pobre coração?

.....

No outro dia, ela, que desde manhã andava abraçando, beijando e festejando a avósinha; ela que passára todo o dia a tocar e a cantar; ela, que fóra colher as mais formosas flôres do jardim, ao entrar na sala onde se encontrava o visconde, empunhando um grande ramillete para oferecer ao visitante, pegando na mão que este lhe estendia, curvou-se reverente, levou-a aos labios, e, com os olhos humidos e esses labios inflorados do sorriso mais feliz, disse comovida:

— Boa tarde, meu avó!



O castello de Sigmaringen

Residencia do Principe Guilherme de Hohenzollern

12 de Setembro de 1913.

HÉLOISE CORDEIRO.

SAUDADE

Hoje, a ver uma andorinha
a embriagar-se de luz,
voar, voar, a doidinha,
por um momento *suppuz*

que as pontas das suas azas
eram pennas d'escrever,
e o céu azul sobre as casas
era o papel... *Puz-me a ler.*

Oh! meu Deus! era verdade...
no seu voar incoherente
eu soletrei de repente
esta palavra — Saudade.

FERNANDO CALDEIRA.

O REAL D'AGUA

Se nos remontarmos á origem d'este tributo em Portugal, veremos que elle é antiquissimo, e que data de uma oblação espontaneamente feita pelos moradores da cidade d'Elvas em reconhecimento e compensação de um grande melhoramento e beneficio, que recebiam.

Tratava-se de construir essa monumental obra dos arcos e canos, por onde devia introduzir-se na cidade a agua da nascente da Amoreira.

Era realmente de um grande proveito para os habitantes d'Elvas a realisação d'aquelle projecto tão importante como dispendioso.

Justos avaliadores d'aquella empreza, e conhecedores da sua utilidade, elles voluntariamente se offerceram a pagar um real de mais do que o preço corrente em cada canada de vinho e arratel de carne e peixe, que consumissem.

A importancia d'este tributo era applicada ás despezas, que se faziam na construcção d'aquelle grandioso aqueducto.

A obra acabou-se; mas o tributo continuou, apesar dos habitantes da cidade se quotizarem voluntariamente só e unicamente para este fim. E não só continuou ali, mas espalhou-se por todo o reino para outros destinos!...

Mau é que se imponha um tributo, porque a duração d'elle perpetua-se.

MANUEL JOAQUIM HARRADAS.

Não é bom esquadrihar genealogias

Luiz XIV, rei de França, sendo um monarcha tão illustrado, pretendeu mostrar aos reis da Europa que a sua ascendencia era a mais esclarecida e pura que havia no universo.

Levado d'este erro, reuniu um grande numero de genealogicos, recommendando-lhes que, sem lisonja, ou respeito alguns humanos, lhe communicassem tudo quanto podessem descobrir a tal proposito. Os genealogicos, a poucos passos, encontraram na genealogia do monarcha um ministro de estado. O rei não ficou muito satisfeito, mas ordenou que proseguissem. Depois de mais algumas investigações, informaram o monarcha de que, em uma linha transversal, haviam encontrado um ascendente seu que fóra capitão de cavallos.

Luiz XIV, sem querer saber mais, disse então: — *Basta: não nos encontremos com algum almocreve.*

Vão lá fiar-se em genealogias: eu, por mim, contento-me, e já não é pouco, em me proclamar descendente em linha recta do pae Adão.

J. M. M. DE SEABRA.

Conde de Suberra

Manuel Ignacio Martins Pamplona, conde de Suberra, foi nomeado em 3 de junho de 1823, ministro assistente ao despacho com a pasta dos negocios da guerra e da marinha.

Sendo em 1807 official do exercito portuguez, fez parte da divisão auxiliar portugueza, que o general Junot mandou para França, onde seguiu os postos, chegando lá á patente de tenente-general.

Veiu em 1810 contra Portugal no exercito francez do marechal Massena, e foi por isso condemnado como traidor á patria.

Pela revolução liberal de 1820 levantou-se o stigma infamante

a Pamplona, e perdou-se-lhe a pena de morte; não valeu, porém, a amnistia ou indulto a purificar-o das manchas, com que, na opinião de muitos, maculára a sua vida e reputação, como demonstram, entre outros, os seguintes factos:

Em uma audiencia, que dava como ministro, apresentou-se-lhe o major Pimenta, bem conhecido em Lisboa, e disse-lhe:

«É preciso que v. ex.^a despache o meu requerimento, e que o despache quanto antes... Lembre-se que os meus serviços são feitos a Portugal... Lembre-se, que eu peleva pelo meu Principe e pela minha patria, na mesma occasião em que v. ex.^a a combatia com a espada, que lhe deu Napoleão.»

O conde pouco respondeu. Pimenta foi deportado. Semelhante a este succedeu outro caso. Entrou na audiencia um major do ultramar e poz-se a gritar despropositadamente. Por duas ou tres vezes o advertiu o conde, que fallasse mais baixo. Exacerbaram-n'o as advertencias; ainda mais alto soltou a voz. Enfadado com taes demasias, perguntou-lhe com altivez: «Sabe com quem

está fallando?» — Fallo com um ministro. — «Engana-se; está fallando com El-Rei, a quem eu aqui represento.» — El Rei nunca foi Jacobino (redarguiu ainda mais allucinado), e o ministro a quem fallo, foi traidor á patria. Dizia a verdade; mas esta verdade custou-lhe seis mezes de prisão.

Mal soffriam pundonorosos militares, que tantos trabalhos, fadigas e privações haviam padecido na defeza da patria, fosse galardoado com o eminente cargo, que exercia, aquelle que a invadira com forças estranhas, que se empenharam em a combater e subjugar. Não approvamos, ainda assim, estes impetos descomedidos e insolentes, pela impropriedade da occasião e má escolha do logar. São, todavia, menos reprehensíveis e condemnáveis estes actos, se attendermos ás attenuantes, que suscita a consideração da diversidade de circumstancias, em que se achavam os interlocutores, já acima ponderadas.



O Infante D. Duarte, filho do Senhor D. Miguel de Bragança, cujo anniversario passou em 23 de Setembro



Poetas Brasileiros

ORAÇÃO À TARDE

Oh! Tarde mansa e augusta, se eu pudesse
Casar minha alma com tua alma!
Ser bom como tu és e calmamente
Adormecer contigo!
Quando tu beijas com teu beijo puro
A natureza triste e desolada,
Ou qualquer trecho ardente e delirante,
Em tudo transparece e se desdobra
A tua santa paz religiosa!
Ter, como tens, a piedade excelsa,
Ser, como és, a virgem caridosa,
A doce irmã que espalha em toda a parte
O bom conselho da resignação...

E emtanto tens á mostra as tuas dores,
O teu pranto que choras no Poente!...
Que a fronte onde o ideal roçou de leve
Conhece o orvalho tepido das lagrimas...
Mas não quizeste o grito e o desespero,
A revolta impotente e miseravel
Antes o gesto nobre da desgraça,
O orgulho silencioso!...

És clara e boa e no teu grande seio,
Nem o fogo terrível das paixões
Nem a negrura da total renuncia...
Tens a serenidade, a dor bebida
Com a alegria suprema dos Eleitos!
Sabes que o Mal eterno só é vencido

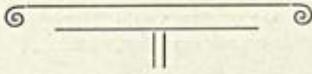
Sergipe, 1913.

Com a força da Bondade que perdôa...
Que a Morte é inevitavel, soberana,
E só perde o terror que a tudo inspira
Ante os que a vivem todos os momentos!
Sabes pensar no soffrimento e delle
Tirar o santo oleo com que o trata.
Às cousas más, aos pantanos, ás pedras,
À dureza dos picos e á negrura
Dos abysmos profundos como a Morte
Sabes, abençoando, perdoar...
Tens nos teus labios as palavras santas
De Jesus Christo quando no madeiro
Fez o maior de todos os milagres...
«Perdoai-lhes meu Pae elles não sabem
O que fazem» tu dizes, tambem ouço
Ao poder immortal da Natureza!
E tudo se illumina de repente,
Tudo reflecte a tua claridade,
Tua alma soffredora e generosa,
Que soube ir mesmo alem do que é Justiça!
Ser como és, sabia e resignada,
Conhecer todo o Mal e não temel-o
E combatel-o com fortalecer-me...
Oh! minha aspiração de incontentado
Meu supremo desejo de infeliz!

Oh! Tarde mansa e augusta, se eu pudesse
Adormecer contigo!

Jackson de Figueiredo.

Poetas Portuguezes



SERENATA

Noite calma para amar,
Estende o luar seu manto;
Vinde escutar o meu canto,
Donzella, vinde escutar!

Em noites puras, formosas,
Brincando os anjos nos ceus,
Das nuvens fariam veos,
Se noivas fossem as rosas!

Dos pastores ao coração,
Chegam da veiga os perfumes;
Pastoras, sentem ciumes,
Dos beijos da viração.

Ficam nas folhas das flôres,
Gotas d'orvalho, dormentes;
Trinando, cantam dolentes,
Rouxinoes, os seus amores.

Nos regatos de crystal,
Lavam o rosto as estrellas,
Como formosas donzellas
Da côrte celestial.

E nas margens das ribeiras,
Por entre os canaviaes,
Vão dizendo madrigaes,
As avesinhas ligeiras.

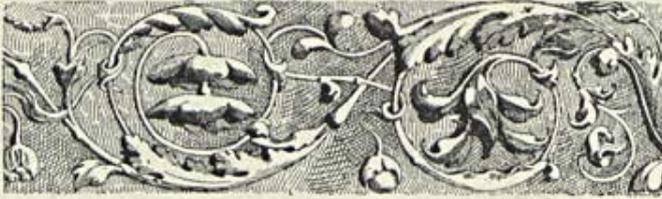
Espreita pelas ramadas,
A lua, do ceo distante;
Como guarda vigilante,
Das almas enamoradas.

Estende o luar seu manto,
Noite calma para amar;
Donzella, vinde escutar,
Vinde escutar o meu canto!

Setembro — 1913.

CONDE DA ESPERANÇA.





POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXXV

Outubro d'outros tempos...

Estão lembrados, não é verdade?

Era agora, n'este mez de outubro, que Lisboa começava a espreguiçar-se para a sua estação mais brilhante: o inverno.

As vitrines enchem-se com os *dernier cri* da moda e a vida da capital começava a ser intensa, atafalhada de gente — de gente que se conhecia, e onde todos se conheciam.

Isto não é *thalassismo*, palavra. Não é vontade de dizer mal por as instituições actuaes serem republicanas. Mesmo aquelles que vêem no existente o ideal do seu credo politico, hão-de concordar: isto agora está muito pião!

Mas estará pião por ser republica? Porque sendo republica tem sempre que ser pião?

Nada d'isso. Isto está assim porque assim quizeram os republicanos. Porque o seu jacobinismo intolerante de *espanta gente* achou que fazia uma linda obra afugentando tudo e todos que não quizessem virar o posterir ás egrejas e ulular pelas ruas atraz dos cortejos civicos que iam victoriar os idolos.

Olhem para a França, por exemplo. E' uma republica e até com largas manifestações radicaes. Mas os seus politicos, os defensores d'essa democracia, não entenderam, como os nossos, que um collarinho engomado, um chapéu fino, umas luvas, umas unhas limpas, fossem apanagio dos inimigos das instituições. E d'ahi — d'esta *jesuitica* comprehensão — a vida da sociedade mantem-se equilibrada, não abdicando ninguém do seu modo de pensar, e conservando o paiz o aspecto normal d'um viver regular, sem que os vencidos sintam o olhar feroz e rancoroso dos vencedores. Os olhares e os *pézes!*...

Aqui não se deu isso. Forjaram-se duas etiquetas: *canastras* e *canastrões* e ai d'aquelle a quem qualquer d'estes *rabos* seja posto pelo primeiro garotelho que se lembre de os marcar com tão precioso distinctivo.

E' claro que assim, esta saletasinha da Europa, onde outr'ora todos os moveis se encontravam devidamente arrumados, apresenta agora um aspecto *gauche*, desolador.

Ellas não sabem: *elles* também não. O que realmente não deve causar espanto, porque esta leria das sociedades novas feitas a golpes de decretos é uma treta boa para contos infantis.

A uma creança pôde ensinar-se em meia duzia de dias a ter maneiras e a não dizer tolices, porque estes vicios não estão radicados no seu ser, por falta de tempo. Mas a um adulto, a uma cidadã que toda a sua vida dissesse *frófos* e *pirum*, ou a um cidadão que com vinte annos de vida pratica sempre comesse sardinhas com a maço e arrotasse no fim da refeição depois de desabotoar o cós das calças, é impossivel!

A verdade é esta: os novos elementos triumphadores, poderão ser muito boas pessoas; muito dignos, muito sérios, muito honrados. Não contestaremos (para o caso) nenhuma d'estas excellentes qualidades. Mas... *gingam* muito! Defeito do regimen? Dizel-o seria tolice chapada. Nada d'isso. O mal está em terem querido occupar tudo, inclusivé aquillo que só o berço dá ou a longa pratica aperfeiçoa.

Ainda ha dias n'um cinematographo de Lisboa nós vimos a fita d'uma festa em Paris onde figuravam elementos officiaes, e portanto republicanos da *gemma*. Pois aquillo ia tudo na altura — como vulgarmente se diz em linguagem plebeia. E n'este tudo incluímos até... o physico! Havia *linha*, havia compostura, havia uma certa magestade indicativa dos cargos, mas bem differente d'aquella *Pose* forçada e ridicula que só consegue tornar mais ca-

ricatos os espremidos cidadãos que a usam com esgares clownescos.

Notava-se que aquella gente não estava ali por um bam-burrio. Que não era uma parodia de creados de servir a brincar aos patrões quando estes sahem. As sobrecasacas eram correctas, sem snobismo; as fardas, marciaes, rigidos como postos d'honra para a defeza da Patria.

Pois n'estes exhibicionismos de que tanta troça fazem certas creaturas que cavalgam na vanguarda do progresso... acaburro, está uma força. Uma enorme e poderosa força. A força que mantem o respeito e que equilibra as sociedades.

Desenganemos: um ministro de chapéu para a nuca e pol-gares entalados nos sovacos é um ministro... a pedir pançada! Será muito despetencioso, democraticamente fallando. Mas não deixa de ser também um *viroscas cá dos nossos* apontados pelos dedos rufescos das viellas. E sendo-o, não se poderá nunca impôr, e tudo quanto d'elle dimana para a boa regularisação dos seus governados é recebido como uma... *viroscada!*...

Ora a correcção antiga, a correcção da *linha*, o porte necessario, absolutamente indispensavel para ajudar o cargo, rareia tanto como... o bom senso.

Ainda ha dias os jornaes noticiaram que o sr. ministro do interior e governador civil de Lisboa foram á noite para os divertimentos da feira d'Agosto.

Não sabemos se S. Ex.^{as} andaram no Carrocel e comeram mexilhão á hespanhola com pimentos *morrões* na *Tia Guilhermina*. Mas sabemos que nunca os jornaes noticiaram terem visto *in illo tempore* qualquer funcionario d'aquella cathegoria por entre as *farturas* e a *mulher electrica*...

A confusão que estes *gestos egualitarios* estabelecem no espirito do povo, é medonha! Mas entenderam que assim era o melhor caminho a seguir e por isso ninguém se entende — e o outubro que outr'ora era o início da vida animada de Lisboa com gente que se conhecia e onde todos se conheciam, é agora a continuação do junho em que as malas se apromptam por causa do... calor!...

CRISPIM.

PRIMASIAS

Dois donos de casas de pasto disputavam entre si primasias.

Dizia um:

— Os meus jantares de seis tostões teem quatro pratos e os seus só teem trez.

Responde o outro:

— E' verdade; mas em compensação, dou quasi sempre dois vinhos differentes.

— Olha a habilidade! Dá o segundo porque os freguezes lhe rejeitam o primeiro!

DOCES DOS CONVENTOS

As freiras foram eximias doceiras, e, emquanto existiram, fizeram da doceria uma industria caracteristica, que era exercida com os cuidados de quem celebrava um rito.

As de Evora tinham as seguintes especialidades:

S. Bento, laranjada e marmelada.

Paraízo, manjar branco e ballas reaes.

Salvador, escorcioneira coberta.

Santa Catharina, rebuçados de tamaras.

Santa Clara, esquecidos e arroz doce.

As de Semide tinham a nabada.

As de Arouca, as murcellas.

As de Vianna do Alemtejo, sardinhas fritas e toucinho do céu.

Em Beja:

As da *Conceição*, morgados.

As de *Santa Clara*, tasseiras.

Em Coimbra:

As de Cellas, manjar branco.

As de Santa Clara, pasteis.

As da Visitação de Montemor, queiijinhos.

As de Odivellas, marmellada.

As de Tentugal, pasteis.

O Canal de Suez

COMO toda a gente sabe, o canal de Suez liga o Mediterraneo com o Mar Vermelho, diminuindo assim consideravelmente a distancia que existia antigamente entre a Europa e a India e o Extremo Oriente.

Já na epocha dos Egypcios se tinha experimentado construir um canal, que ligasse aquelles dois mares, mas não se tinha ou-

O canal de Suez



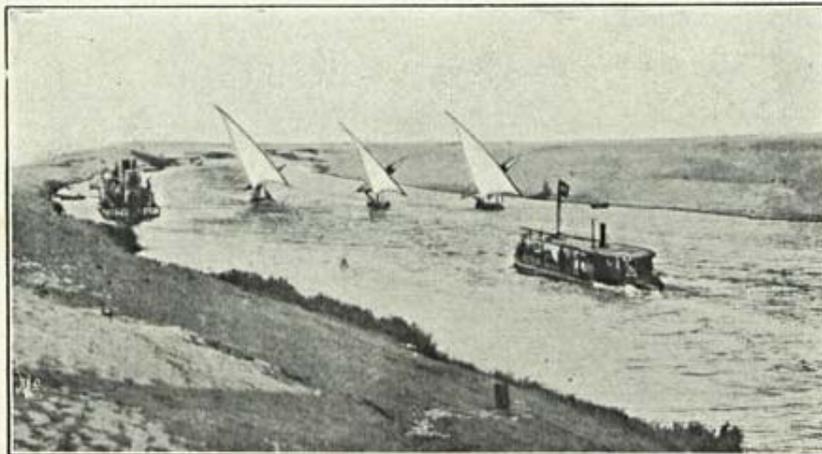
O monumento a Fernando de Lesseps em Port-Saïd

sado estabelecer uma ligação real, temendo que houvesse um grande desnivel entre os dois mares. O canal egypcio não ligava directamente o Mediterraneo com o Mar Vermelho mas os seus dois extremos estavam no Nilo e nos Lagos Amargos. O canal foi aterrado no tempo dos Romanos, foi de novo aberto parcialmente pelo califa Omar e foi completamente abandonado no anno 800. Durante todo o seculo XIX se pensou em crear o canal de Suez, mas só em 1852 é que Fernando de Lesseps começou a estudar a questão.

Depois de varias discussões só em 1859 é que se deu o primeiro golpe de picareta para a construcção do canal, que, mais tarde, devia alterar por completo as relações commerciaes do Velho Mundo. O canal foi inaugurado em 1863 e na sua entrada creou-se o porto de Port-Saïd.

A execução de esta gigantesca obra foi começada empregando o concurso dos fellahs, talvez descendentes dos antigos constructores das Pyramides; nella foi empregado o material mais aperfeiçoado.

Este canal tem 80 milhas de comprimento e evita um desvio de 12:600 milhas. Pelo motivo de ser deshabitado o terreno atravessado, foram construidos em linha recta 140 kilometros mas, em compensação, construíram-se 21 kilometros em curva. A abertura do canal foi muito facilitada porque no seu traçado se encontravam varios lagos. Do lado do Mediterraneo, o canal foi construido em grande parte na depressão vasosa formada pelo lago Menzaleh. Desde o kilometro 50 até ao kilometro 90, foi preciso atacar pequenas

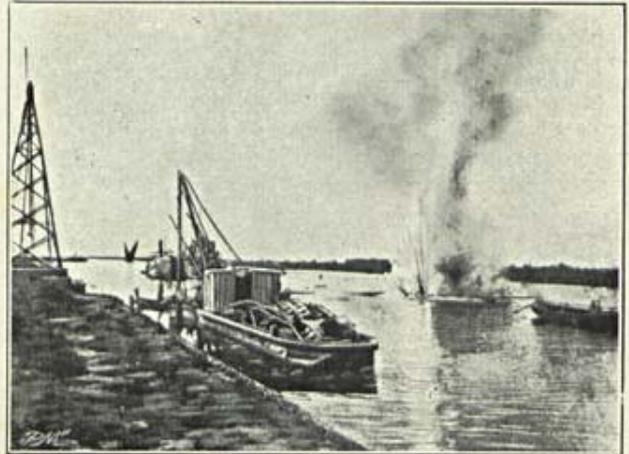


O canal de Suez — Uma draga trabalhando

colinas de areia que não tinham mais de 25^m,00 de altura. No meio de estas collinas encontrou-se uma depressão em que o canal veio depois formar um lago novo, o lago Timsah.

Antes de atingir o Mar Vermelho, o canal teve que cortar um pequeno contraforte, que não tinha mais de 14^m,00 de altura.

Mas, apesar de todas estas facilidades que se encontraram na abertura do canal, nem por isso esta obra deixou de ser uma obra verdadeiramente grandiosa. As terraplenagens e dragagens alcançaram um cubo de 74 milhões de metros cubicos de terra, lodo e areia. E isso acontecia em pleno deserto, numa região onde não havia agua e onde se não podia contar com mais auxilio porque não havia braços que o prestassem. Tiveram que se fundar cidades como Port-Saïd, Ismailia e Suez, tendo a primeira uma população de cerca de 50:000 habitantes. Suez já existia mas, quando da abertura do canal, creou-se perto d'ella a cidade Port-Tewfik, con-



O canal de Suez — A explosão do casco do Chatham no canal de Suez

tendo as duas cerca de 16:000 habitantes. Ao longo do canal, de 10 kilometros em 10 kilometros, ha habitações sádias e confortaveis para o pessoal encarregado da conservação do canal. A agua potavel vem por um outro canal, que parte do Cairo.

Para immortalisar a memoria de Lesseps, tem elle uma estatua colossal no môlhe de Port-Saïd.

O canal de Suez só serve para os navios a vapor porque a navegação á vela é quasi impossivel no Mar Vermelho. Por outro lado, os vapores teem mais interesse em diminuir a duração da viagem, porque representam maior capital.

O augmento do numero de navios, que passa pelo canal, tem sido consideravel. Em 1870 não passavam mais de 500 navios por anno mas actualmente já passam mais de 4:000 navios. A tonelagem dos navios tambem augmentou de 3 milhões a cerca de 16 milhões. O numero de passageiros foi de 27:000 a 250:000.

Vamos agora vêr rapidamente quaes as obras a que os engenheiros teem procedido para conservar o canal á altura dos modernos progressos da civilisação.

Em primeiro lugar, foi preciso defender as margens, construir muralhas inclinadas, dragar e tirar as areias que se accumulam no fundo. Foi tambem preciso aprofundar e alargar o canal para poder dar passagem aos ultimos navios construidos, cujas dimensões são muito maiores do que as dos de 1870.

No seu inicio o canal foi aberto para navios cujo tirante de agua era de 7^m,50. A largura no fundo era de 22^m,00. De es-

paço a espaço fizeram-se alargamentos para permittir o cruzamento dos navios e esses alargamentos tiveram logar de 10 kilometros em 10 kilometros. Em 1882 supprimiram se estas estações, dando ao canal a largura uniforme de 37^m,00. A duração da travessia desceu assim de 52 a 18 horas.

Em 1892 voltou-se novamente ao systema dos cruzamentos de 5 kilometros em 5 kilometros. Actualmente trabalha-se em dar ao canal uma largura de 45^m,00 e uma profundidade de 10^m,00.

Desde a inauguração do canal, só para os seus melhoramentos, dragaram-se mais de 30 milhões de metros cubicos. A velocidade dos barcos não deve ser superior a 10 kilometros á hora.

De todos os desastres, que se teem produzido no canal, o mais curioso foi o do *Chatham*, que, em 1905, teve que ser encalhado depois de um incendio. Levava uma cargação de dynamite e foi preciso fazer explodir tudo para que o transito se restabelecesse. Para isso, collocou-se no porão um cartucho com 150 kilogrammas de dynamite. Quando da explosão, levantou-se uma columna de agua á altura de 900^m,00. Houve um desaterro de 1:500 metros cubicos e foi preciso dragar durante 10 dias. Mas o canal não soffreu verdadeiramente avaria sensível e os engenheiros arranjaram assim maneira de o desembaraçar de qualquer obstaculo á navegação.

AFFONSO DE CASTILHO.
Engenheiro Civil.

**Bemditas sejam
as creancinhas pobres**

CANTICO

A João de Deus Ramon

Bemditas sejam as creancinhas pobres!
Que todas as mãos se estendam para as abençoar.

Que as suas cabecinhas, tristes, desamparadas, encontrem, a toda a hora, um peito brando onde repousar.

E, nesse peito, um coração vivo para as embalar.

E, nessa hora, que alguém lhes cante este canto de suave amor:

Bemditas sejam as creancinhas pobres!

Que as mãos cansadas dos que têm filhos busquem descanso em trabalhar por ellas.

Porque estas creancinhas são os filhos dilectos de Deus.

E Deus muda, em ventura e repouso, todo o trabalho por estes pequeninos.

Que nos nossos olhos lhes guardemos a melhor luz, na nossa bocca o melhor beijo, no nosso regaço o melhor calor.

E que os nossos braços se tornem mais doces,

E os nossos peitos mais largos, quando os abraçarmos.

Para que os nossos filhos, anciosos deste beijo novo, corram para nós.

E nós os reunamos, os abracemos, com tal ancia, com tal amor, Que elles enraizem e prendam no nosso coração, como rosas da mesma haste.

Que esta haste seja o tronco de uma familia melhor.

E estas rosas o ramo heraldico de uma futura nobreza,

D'onde brote, entre perfumes, o canto lindo de suave amor:

Bemditas sejam as creancinhas pobres!

Porque os seus labios andam doridos, de comerem o pão aspero das esmolas,

Não lhe atiremos o pão duro que sobra das nossas mesas.

Mas demos-lhes o melhor pão, como ao semeador se dá a melhor semente.

Porque as mãos nuas destes pobresinhos vêm do ceu, ricas de benções.

E a benção é luz de graça, é como o sol que, por um punhado de grãos restitue um campo de trigo.

Bemditas sejam as creancinhas pobres!

Que, para ellas, todas as mães tenham no lar um berço mais largo.

Para que, ao lado do filhinho ditoso, possam deitar uma creança sem mãe.

E que as mães os embalem e criem juntos.

Dando-lhe do mesmo canto, do mesmo amor, do mesmo leite.

E que os seus labios, tenros e felizes, depois de chamarem Mãe...

Aprendam logo a dizer-se *Irmãos*...

Porque se o nome de mãe indica um anjo junto de um berço,

A palavra *Irmãos* accende, nesse lar, todas as alegrias do ceu.

E, nessa alegria, ouvir-se-ha o canto bello de suave amor:

Bemditas sejam as creancinhas pobres!

E' por ellas que as nossas almas se glorificam,

E as nossas frentes se elevam para além do sol.

Porque os seres mais altos do mundo são as estrellas do ceu e estes pequeninos da terra.

E sem darmos as mãos a estes pequeninos, nunca podemos subir aos astros...

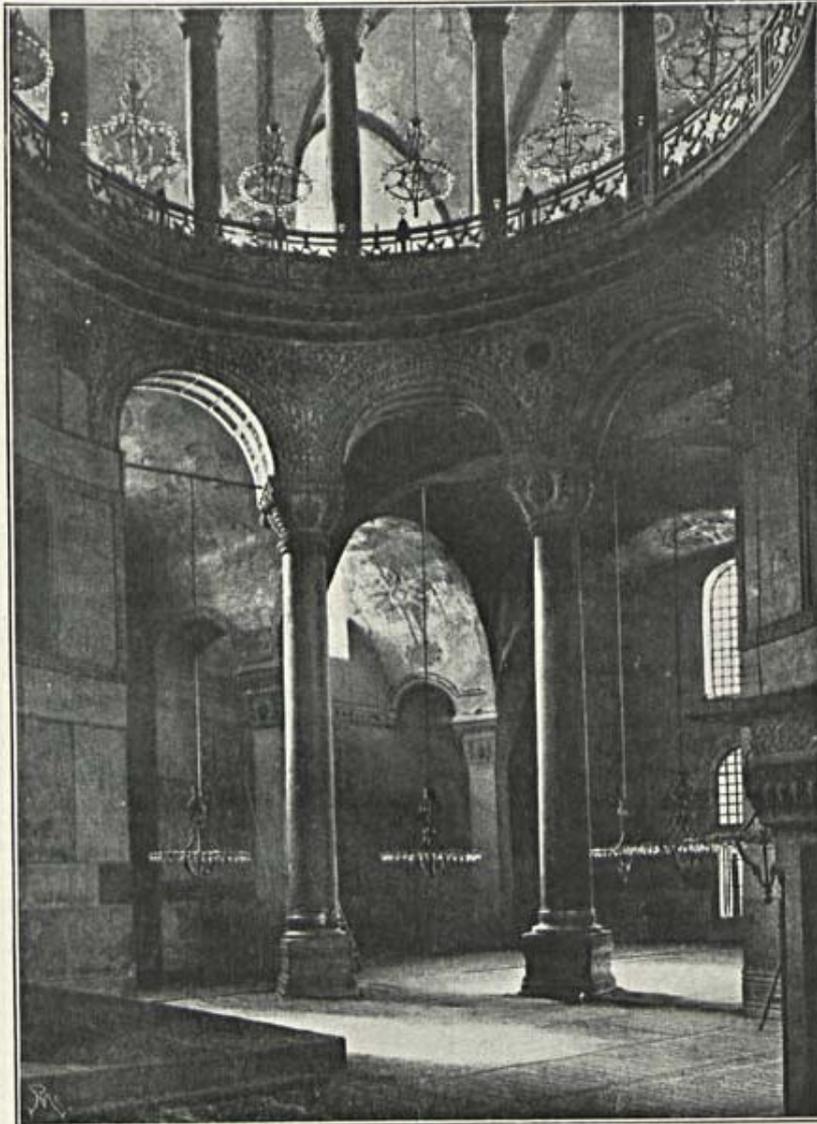
ALVARES D'ALMEIDA.

A estupidez é mais criminosa que o vicio: quando por mais não fósse, porque o vicio é curavel, e a estupidez incuravel.

ARTHUR SYMONS.

O velho de juizo dá ao mundo a sua demissão antes que este o demitta.

Constantinopla



Interior da antiga igreja de Santa Sophia